

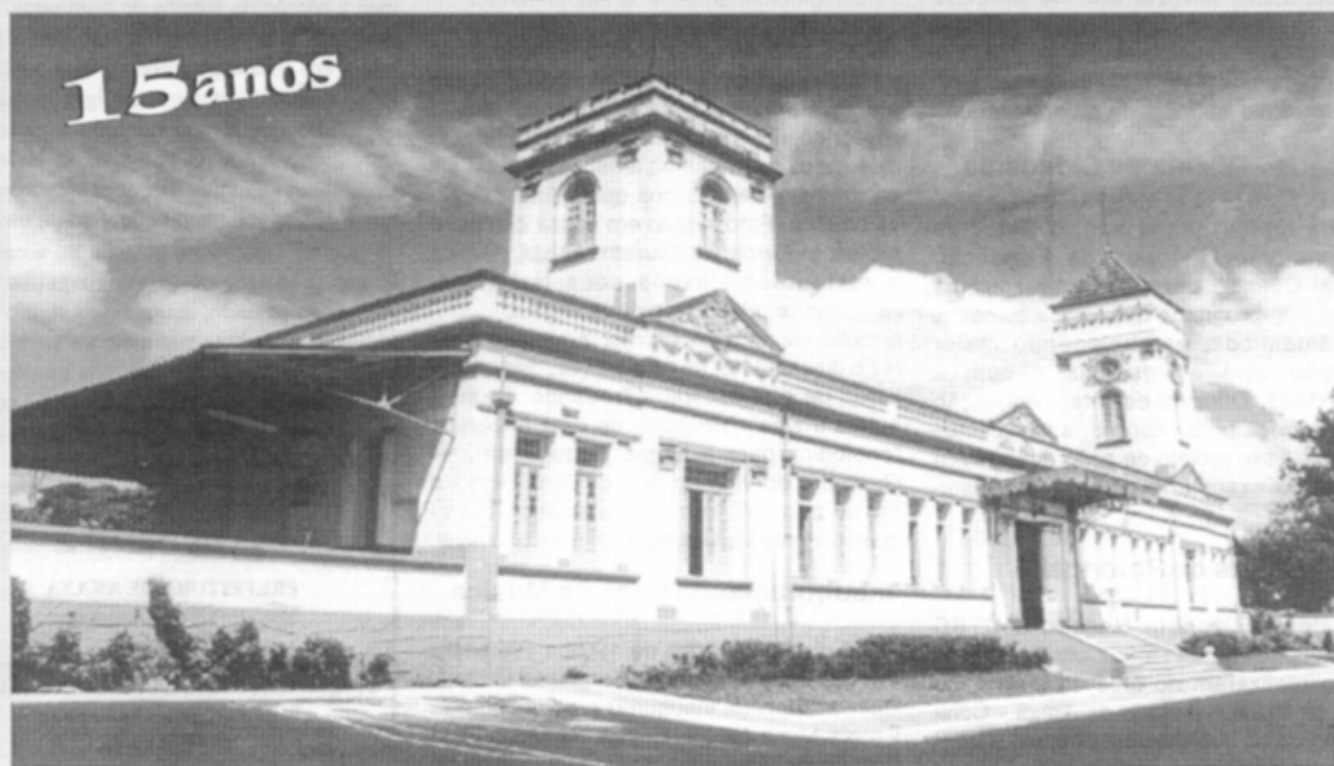
O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 9 - Nº 29

Dez - 99

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Fundação Cultural Calmon Barreto Um trabalho de Corações e Mentes.



Matadouro Municipal

O que é ser moderno nas primeiras décadas após a Proclamação da República em 1889? É viver em uma cidade de ruas com sarjetas, praças arborizadas, jardins floridos e, ainda, poder contar com os serviços de um mercado ou de um matadouro municipal. Saiba como Araxá acompanhou essa tendência conquistando um lugar próprio para o abate de animais e o fornecimento de carne à população.

Quem Foi Quem

Para preservar a memória coletiva não se deve deixar de redescobrir histórias de vidas até então mantidas em silêncio. Saiba quem foi Maria Rita da Cruz, hoje, nome de uma praça recém-inaugurada no Bairro Tiradentes. (Página 3)

Sobre a Origem das Famílias

Sobre a origem das famílias Os estudos de genealogia mostram, a todo momento, que grande parte das famílias de Araxá estão unidas entre si por diferentes graus de parentesco. Veja, nesta edição, alguns dos laços que formaram a família Affonseca e Silva.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO DE ARAXÁ

Praça Arthur Bernades, 10 - CEP 38 180-000 Araxá-MG - C/GC 20 054 268/0001-13 Insc. Est. 040 433 427/0045

NOME: _____

ENDEREÇO _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

EMISSÃO: Dezembro de 1999 VENCIMENTO: 28/02/2000 VALOR ASSINATURA ANUAL: R\$10,00

Pagável na Fundação Cultural Calmon Barreto (*setor administrativo-financeiro*) ou via postal. O não pagamento desta fatura implica o não cadastramento do boletim informativo e a interrupção do seu envio.

Fazendo a História

Banda "Padre Clóvis"

A Banda Municipal "Padre Clóvis" foi beneficiada com a doação de 16 instrumentos através do projeto "Apoio às Bandas de Músicas de Minas Gerais". Esse foi firmado entre a Secretaria de Estado da Cultura, Ministério da Cultura e as prefeituras de Minas Gerais.

"Marcas que o tempo deixou"

Esse é o título do livro que a psicóloga clínica, Iara dos Reis Gyurkovits, lançou no Museu Calmon Barreto, no primeiro semestre. Nesse trabalho a autora apresenta sua experiência de pesquisa e prática na técnica de regressão que vem desenvolvendo há mais de quinze anos.

Museus - Oficina de Cidadania.

Desde março desse ano, o Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto introduziu, nos Museus, um programa que visa a torná-los mais dinâmicos, estabelecendo maior interação com as escolas e com a comunidade. Oficinas de arte - educação são oferecidas para crianças, adolescentes e adultos. Esse projeto de ação pedagógica está sendo executado com ótimos resultados.

Martins de Porangaba

A Galeria Elizabeth Nasser, a CTBC Telecom e a Fundação Cultural Calmon Barreto realizaram no mês de março, no prédio do Museu Histórico de Araxá - Dona Beja, mostra de trabalhos em óleo sobre tela. São obras de Martins de Porangaba, artista reconhecido no Brasil e na Europa, enfatizando as três séries: macunaima, circo e amazônia.

Incidentes & Alquimias

Fundação Cultural Calmon Barreto, Localiza Rent e Editora Lê realizaram uma noite de autógrafos no lançamento de Incidentes & Alquimias, livro do araxaense Leonardo Araújo. Esse evento se deu no Museu Calmon Barreto às 20 horas do dia 09 de abril de 1999. Leonardo reúne, nesse livro, os poemas da obra "Aprendiz de Alquimias", com que recebeu o Prêmio "Emílio Moura" através de concurso nacional promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

Acervo Doado

Heber Pereira Valeriano, ex-prefeito, doou à Fundação Cultural Calmon Barreto seu acervo pessoal formado durante o período em que esteve à frente da Prefeitura de Araxá (1983 - 1985). Da coleção, que hoje integra os nossos arquivos, constam fotografias, recortes de jornais e documentos pessoais diversos.

Fundação Cultural Calmon Barreto
"15 Anos de História"

"Um trabalho de corações e mentes". Assim se expressou o poeta Tarcísio Cardoso parabenizando a Fundação Cultural Calmon Barreto pelos seus 15 anos. Para abrilhantar essa data, a presidência da Fundação, convidou a Banda Municipal Sinfônica de Uberlândia. Uma apresentação de gala aconteceu no pátio da Fundação, no dia 27 de junho de 1999, dia em que completou seus 15 anos de existência.

Arte Digital e Literatura

No dia 15 de julho a Fundação Cultural Calmon Barreto e o Correio de Araxá promoveram uma noite especial no Museu Histórico de Araxá - Dona Beja. Foram mostrados os trabalhos artísticos e culturais de dois araxaenses dos quais Araxá muito se orgulha. Fato inédito em nossa cidade, o professor Fernando Barreto, artista plástico e restaurador, expôs seus trabalhos, riquíssimas telas em pintura digital. Simultaneamente o escritor Ângelo D'Ávila fez o lançamento, de uma só vez, dos quatro livros de sua autoria: "Trovando Araxá e outras trovas", "Proposta de uma ortografia fonológica para a língua portuguesa", "O Guerreiro do Vale do Sol" e "Dona Beja - a flor do pecado". Numa noite artística, um acontecimento litero-cultural do mais alto nível.

Inauguração da Casa da Música

No dia 14 de julho de 1999 a Prefeitura de Araxá, através da Fundação Cultural Calmon Barreto, inaugurou a nova sede da Escola Municipal de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo". O imóvel, adquirido pelo atual Prefeito Ministro Olavo Drummond, preserva sua arquitetura original e se liga à sede da Fundação na Praça Arthur Bernardes. Além de diversas autoridades estava presente José Fernando de Oliveira, representando seu pai, o Embaixador José Aparecido de Oliveira. Grande incentivador de Araxá, a ele se deve a implantação da Fundação Cultural Calmon Barreto em 1984, quando secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais. Pelos seus 15 anos de história a Fundação Cultural Calmon Barreto foi agraciada e enriquecida com mais esse patrimônio cultural.

EDITORIAL

Neste ano, excepcionalmente, não estamos publicando as três edições de O Trem da História. Tal procedimento se deve ao fato de termos nos dedicado, no segundo quadrimestre, à publicação de um ensaio sobre Araxá intitulado *Das Águas Passadas à Terra do Sol*. Brevemente nossos leitores poderão conhecer esse novo projeto patrocinado pelo BDMG Cultural. Seu objetivo maior é oferecer uma "visão total" da nossa história, abrangendo, de forma sintética, uma longa temporalidade, ao contrário, portanto, da proposta de O Trem da História.

Diante do alto custo de edição e de distribuição de O Trem da História, estamos partindo para a adoção do sistema de assinaturas. A capa deste traz as normas para aqueles que se interessarem em continuar recebendo essa publicação. Enquanto isso estamos divulgando, neste n.º 29, temas que têm despertado a curiosidade do público leitor. O universo do Barreiro é, mais uma vez, explorado, ao mesmo tempo em que é revelada a história de vida de uma cidadã que teve marcante atuação na área social. O que o Matadouro Público significou para Araxá, no passado, assim como aquilo que os índios Araxás hoje representam para a nossa cultura são, também, assuntos em destaque. Os estudos de genealogia retornam e comprovam os laços comuns que formam a nossa estrutura sócio-familiar.

O TREM DA HISTÓRIA EXPEDIENTE

PREFEITURA DE ARAXÁ
Ministro Olavo Drummond
PREFEITO

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
Lygia Cardoso Mancira
PRESIDENTE

SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES
Glaura Teixeira Nogueira Lima
PESQUISA E TEXTO

Keyla Barbosa Machado
DIGITAÇÃO

Aparecida Marlúcia de Melo e Costa
Fernanda Alves Barcelos
COLABORAÇÃO

Antônia Verçosa
REVISÃO

Imagem Propaganda
LAY-OUT e ARTE FINAL
Gráfica Santa Adélia
IMPRESSÃO

As informações que este boletim contém podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180-000
FONE (034) 662-1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662-1262
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



Quem Foi Quem

Maria Rita da Cruz

"Onde faltam os documentos escritos, deve a história demandar às línguas mortas os seus segredos... Deve escutar as fábulas, os mitos da imaginação... Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história."

(Fustel de Coulanges).

Quando se pretende reconstruir historicamente a vida de determinado lugar não se deve esquecer os papéis desempenhados, indistintamente, por homens, mulheres ou crianças.

Fazer soar as vozes dos cidadãos comuns, vivos ou mortos, antes totalmente omitidos por livros, atas ou monumentos em praças públicas é, atualmente, uma tendência no estudo da história.

Para isso, todos os sinais do passado são considerados essenciais. Fotografias, pinturas, objetos (de uso doméstico ou pessoal) e testemunhos (contados oralmente) são alguns meios de perpetuar a memória coletiva.

A denominação da Praça Maria Rita da Cruz, recém-inaugurada no Bairro Tiradentes, revela a tentativa de mostrar o valor, até então desconhecido, de determinados segmentos da sociedade, antes muitas vezes excluídos.

HISTÓRIA DE VIDA

Maria Rita da Cruz foi uma araxaense nascida em 05 de setembro de 1870 e batizada como Maria Rita de Jesus. Era filha natural (depois legitimada) de Carlos Felipe de Menezes e de Graça Maria de Jesus. Maria Rita teve mais quatro irmãos: Luzia, Jorça, Abadia e José Leandro. Conta a tradição familiar, hoje transmitida por seus descen-



Maria Rita da Cruz. 1929. Acervo Celuta da Cruz.

dentes, que Maria Rita, filha de escrava, nasceu em liberdade. Ao perder o pai, ainda menina, recebeu uma herança que lhe permitiu adquirir o direito de propriedade sobre a própria mãe e conceder-lhe a liberdade.

Enquanto residia com a mãe em uma fazenda, Maria Rita conheceu João da Cruz, marceneiro e carpinteiro, com quem se casou em 30 de janeiro de 1893.

Inicialmente, o casal foi proprietário de uma parte de terras em sociedade com alguns amigos. Depois vendeu-a para adquirir uma chácara, em área próxima ao atual aeroporto, onde Maria Rita, João da Cruz e os filhos residiram por

muito tempo.

Em 1919, mudaram-se para a cidade, especificamente para a casa em que o próprio João da Cruz estava construindo para abrigar a família. Nesta casa, na antiga Rua da Raia (hoje, Dom José Gaspar), completou-se a família. Foram 12 filhos: João, Marieta, Carlos, Abner, Maria, Enéas, Benedita, Firmiana, José, Geralda, Celina e Celuta.

Maria Rita ficou viúva em 1925 e, para dar continuidade à criação e educação dos filhos, trabalhava como costureira. À noite fazia doces e lingüiças para serem vendidos no

vizinho armazém de José Guimarães.

Dominava o ofício e a arte da tecelagem manual praticados em seu tear, especialmente feito pelo marido marceneiro. Para tecer desenvolvia todas as fases desse processo: do plantio de algodão à produção do fio para ser colocado no tear e, finalmente, à confecção de tecidos, colchas e mantas, entre outros.

AÇÃO COMUNITÁRIA

Com uma atuação que ultrapassou o universo familiar, sua história de vida merece ser reconstituída, principalmente, em virtude do trabalho social que desenvolveu.

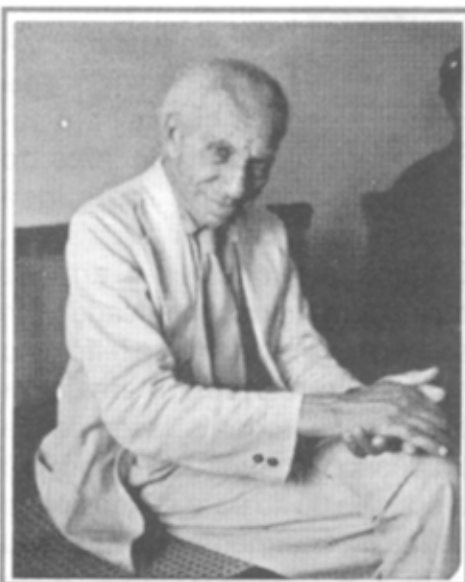
Dentro de uma conduta humanitária ditada pela fé católica, durante muitos anos, ela serviu à comunidade como benzedeira, enfermeira e parteira. Conhecida dos poderes curativos derivados das plantas, foi uma verdadeira adepta da medicina natural. Com chás e banhos cuidadosamente preparados, soube combater doenças em adultos e crianças, amigos e desconhecidos, mendigos e doutores.

Para munir-se de suas plantas medicinais, Maria Rita caminhava pelos pastos e margens dos córregos da redondeza. Levava uma enxada ao ombro e, quase sempre, um ou outro filho como companhia.

Com esse trabalho de ação social obteve o reconhecimento de amigos, médicos, que chegaram a requisitá-la no cuidado de seus filhos e netos.

SUCESSÃO

De acordo com sua filha Celuta, existem ainda muitas passagens



Enéas da Cruz. 1977. Acervo Celuta da Cruz



Firmiana da Cruz no estúdio do fotógrafo Octávio Fonseca. Década de 20. Acervo Celuta da Cruz.

vividas por Maria Rita e que demonstram uma constante prática de dedicação ao próximo. Não raro, parte de sua casa transformava-se em enfermaria onde (sob seus cuidados e a pedido dos médicos) pacientes aguardavam o momento de serem atendidos ou, então, internados na Santa Casa de Misericórdia.

Ela formou uma família numerosa, composta por filhos, genros, noras e 30 (trinta) netos. Três de suas filhas ficaram mais conhecidas por serem professoras: Firmiana, Geralda e Celuta.

"Dona Firmiana" (1909-1985), normalista formada pelo Internato do Professor Hildebrando Pontes, em Uberaba, dedicou-se inteiramente ao magistério. Ingressou no quadro do Grupo Escolar Delfim Moreira em 1933 e nele permaneceu até se aposentar em 1961.

"Guarda-livros" de profissão, Enéas da Cruz (1903-1978), o

"Nêgo", assim ganhou a vida. Como irmão-mesário e administrador voluntário do Asilo São Vicente de Paulo e membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento deu continuidade ao trabalho comunitário da mãe. Com a morte de Maria Rita em 21 de agosto de 1955, ele foi seu fiel herdeiro e sucessor.



Celuta da Cruz. 1949. Acervo pessoal.

Fonte:
Arquivos SPH/FCCB

Depoimentos: Celuta da Cruz, Paulo César de Assis e Ministro Olavo Drummond

Referência Bibliográfica:
CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Universitária, 1982.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP; Editora. Unicamp, 1992.

APOIO

EVENTHO
LIDERANÇA EM QUALIDADE E SEGURANÇA
AV. GETÚLIO VARGAS, 281 - FONE: 662-9920
TURISMO

Casa França

Tradição de construção
662-4027

Doces Cecília

Uma doce lembrança de Araxá
662-3739

Sobre a Origem das Famílias

Affonseca e Silva



O memorialista Sebastião de Affonseca e Silva reuniu, ao longo de sua vida, importante documentação sobre a história de Araxá. Preocupou-se, ainda, em reconstituir a sua história pessoal, a da sua família e também de outras com as quais os Affonseca e Silva estiveram ligados por parentesco. Nesta fotografia do período entre 1910 e 1920, provavelmente, ele aparece (o segundo, em pé, da esquerda para a direita) ao lado de sua mulher, Prosolina Porfírio. Foram também fotografados: em pé, Oswaldo Porfírio e, sentadas, Theodora Affonseca Porfírio (Doreca) e Francisca de Paula Eremita. Fotografia que é parte do arquivo de Dom José Gaspar, doado à Fundação Cultural Calmon Barreto em 1987, pela família Affonseca e Silva (00526-Arquivo SPH/FCCB).

“o desdobramento da árvore genealógica, vemos as ligações que nos tornam comunicáveis com tantas outras vidas e como, de ramo em ramo, estamos todos aparentados nessa infinita floresta que interminavelmente cresce desde o princípio do mundo”.

(Cecília Meireles)

Os estudos de genealogia mostram, a todo momento, que muitas famílias de Araxá estão unidas entre si por graus de parentescos.

Existem informações de que três irmãos portugueses, membros da família Affonseca e Silva, tenham chegado em Paracatu (MG) durante a aventura do ouro no final do século XVIII. Foram eles: Manoel de Affonseca e Silva, José de Affonseca e Silva e João de Affonseca e Silva. Manoel, o mais velho deles, teria deixado Paracatu em direção ao Desemboque. Deixou descendência. José viveu somente em Paracatu, assim como João.

Alguns dos descendentes do caçula João de Affonseca e Silva vieram para Araxá no século XIX e, por isso, esse ramo da família é objeto de

estudo nesta edição. Vejam:

JOÃO AFFONSECA E SILVA foi casado com Maria da Costa Braga. Tiveram 6 filhos, todos nascidos em Paracatu.

F-1. Antonio de Affonseca e Silva casado com Laureana Cirilla Barbosa.

F-2. Ana de Affonseca e Silva casada com Pedro Rodrigues Cordeiro.

F-3. Francisco de Affonseca e Silva casado com Balbina Barbosa de Affonseca e Silva.

F-4. Mariana de Affonseca e Silva casada com Francisco Rodrigues Cordeiro.

F-5. Roberta de Affonseca e Silva casada com Joaquim Pimentel.

F-6. Maria Benedita da Costa casada com Joaquim Pimentel.

Dois dos filhos de João de Affonseca e Silva e Maria da Costa Braga (F-1 e F-3) têm descendência em Araxá. Vejam:

F-1. ANTÔNIO DE AFFONSECA E SILVA casado com Laureana Cirilla Barbosa. Tiveram 2 filhos:

N-1. Cassiano Barbosa de Affonseca e Silva, o Cônego Cassiano, vigário

em Araxá entre 1860 e 1882.

N-2. Balbina Barbosa de Affonseca e Silva casada com Francisco de Affonseca e Silva (seu tio paterno). Tiveram 17 filhos.

F-3. FRANCISCO DE AFFONSECA E SILVA casado com Balbina Barbosa de Affonseca e Silva.

N-1. Antonina de Affonseca e Silva casada com Marçal de Paula Ribeiro.

N-2. Francisca de Affonseca e Silva casada com Francisco Pereira Mundim.

N-3. Bartolina de Affonseca e Silva casada com Augusto Teixeira Álvares.

N-4. JOÃO MAXIMIANO DE AFFONSECA E SILVA casado com Francisca de Paula Eremita.

N-5. Maria de Affonseca e Silva casada com Luiz de França Pinheiro.

N-6. Joana de Affonseca e Silva casada com Luiz Rodrigues Barbosa

N-7. Antonio de Affonseca e Silva

N-8. Cassiano de Affonseca e Silva casada com Severina José Luiz.

N-9. Vigilato de Affonseca e Silva casado com Maria França Pinheiro (1as núpcias); com Augusta Carneiro (2as núpcias).

N-10. Leandro de Affonseca e Silva

casado com Joana Alves Bastos.
 N-11. Thomaz de Affonseca e Silva casado com Ana da Silva Pereira.
 N-12. Izidro de Affonseca e Silva.
 N-13. Ana de Affonseca e Silva casada com Joaquim Silvério Pereira Cardoso.
 *N-14. Rafael de Affonseca e Silva casado com Dulce Teixeira Álvares
 N-15. Cândido de Affonseca e Silva
 N-16. Júlia de Affonseca e Silva casada com Antônio França Pinheiro.
 N-17. Cândida de Affonseca e Silva casada com Antonio Tibúrcio Lopes.

O N-4. JOÃO MAXIMIANO DE AFFONSECA E SILVA casado com Francisca de Paula Eremita. Tiveram 4 filhos:

BN-1. TEODORA DE AFFONSECA E SILVA (DORECA) casada com Osório Porfírio Álvares Machado. Tiveram 8 filhos:

Tn-1. Zoraida Porfírio casada com Melchiades da Cunha Soares.

Tn-2. Oswaldo Porfírio.

Tn-3. Maria Porfírio casada com Jason de Oliveira.

Tn-4. Francisca Porfírio (Fanny) casada com Agenor Braga de Araújo
 Tn-5. José Porfírio da Paz (farmacêutico do Exército; General de Brigada; deputado estadual por São Paulo; vice-prefeito de São Paulo; vice-governador e governador de São Paulo) casado com Dinorah Porfírio da Paz (Filhinha).

Tn-6. Carmen Porfírio casada com Alfeu Fontes.

Tn-7. Benvinda Porfírio casada com Benedito Ney.

Tn-8. João Porfírio Affonseca casado com Julieta Novais.

BN-2. SEBASTIÃO DE AFFONSECA E SILVA (farmacêutico e memorialista) casado com Prosolina Porfírio de Affonseca. Tiveram 13 filhos:

Tn-1. Sebastião de Affonseca Júnior
 Tn-2. José Gaspar de Affonseca e Silva (Padre, Bispo e Arcebispo de São Paulo).

Tn-3. Celidônio de Affonseca e Silva casado com Silvia Pereira Marques.

Tn-4. César de Affonseca e Silva casado com Maria Luiza Reis Novaes.

Tn-5. Saul de Affonseca e Silva casado com Lucy de Affonseca e Silva.

Tn-6. Maria de Affonseca e Silva (salesiana).

Tn-7. Agar de Affonseca e Silva (diretora da 1ª Escola Pública - o Delfim Moreira - durante 33 anos)

Tn-8. Clélio de Affonseca e Silva casado com Josefina Pires de Oliveira.

Tn-9. Filotéa de Affonseca e Silva.

Tn-10. Filotéa de Affonseca e Silva.

Tn-11. Jêsus de Affonseca e Silva casado com Suzana Afonso.

Tn-12. Sebastião de Affonseca e Silva Júnior casado com Arquidâmia de Almeida Castro.

Tn-13. Terezinha de Affonseca e Silva.

BN-3. RITA DE AFFONSECA E SILVA casada com Dercilio Cândido de Oliveira.

Tn-1. Clara das Neves Oliveira casada com Achiles França.

Tn-2. José da Cruz Oliveira

Tn-3. Maria das Dores Oliveira

Tn-4. João Maximiano de Oliveira casado com Alecir Alves de Oliveira.

BN-4. MARIA BENEDITA EREMITA casada com Cassiano de Paula Nascimento.

Tn-1. José de Paula Nascimento

Tn-2. Geraldina Nascimento Dias Paes casada com José Dias Paes.

Tn-3. Francisco de Paula Menhõ casado com Maria Caixeta.

Tn-4. João Evangelista de Paula casado com Maria Madalena de Paula.

Tn-5. Benedito de Paula Nascimento casado com Alzira Duarte.

Tn-6. Cassiano de Paula Filho casado com Maria de Lourdes Mendes

Tn-7. Domingos Gusmão do nascimento casado com Maria de Lourdes do Nascimento

Fonte:

Arquivos SPH/FCCB

Pesquisas elaboradas por Sebastião de Affonseca e Silva e Oráida Afonso Borges.

Depoimentos:

Maria do Rosário Cunha França e Maria Cristina Oliveira Borges.

Agradecimentos:

Oráida Afonso Borges.



ESTAÇÃO MEMÓRIA

SEBASTIÃO DE AFFONSECA E SILVA

Sebastião de Affonseca e Silva é um dos inúmeros descendentes desta família, hoje interligada a tantas outras como Porfírio, Porfírio Álvares Machado, Oliveira, Cunha Soares, Paula Nascimento, França e Braga de Araújo. Ao reconstituirmos a sua história familiar não poderíamos deixar de fazer-lhe uma referência especial. Para nós, pesquisadores, seu nome está registrado na categoria de "memorialista". Apesar de não possuir formação técnica e de não poder contar com os atuais recursos usados em pesquisa, devemos a ele o trabalho pioneiro de reunir parte significativa da documentação histórica disponível sobre Araxá. São documentos oficiais, jornais, mapas, livros, fotografias e artigos manuscritos ou publicados em jornais.

A Fundação Cultural Calmon Barreto hoje desempenha uma função institucional na preservação da memória histórica, antes exercida pelo memorialista.

É bem provável que a geração recente desconheça o motivo pelo qual Sebastião de Affonseca e Silva denomina uma grande avenida da cidade.

Araxaense, nascido em 1877, ele foi coletor municipal durante a primeira década do século XX, período em que manteve contato com a documentação histórica oficial.

Ele foi proprietário da Farmácia São Sebastião a partir de 1911, quando obteve licença da Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais para exercer a profissão de farmacêutico, atividade desempenhada até 1962.

Paralelamente, atuou como memorialista até o seu falecimento em 09 de agosto de 1968.

O arquivo histórico por ele organizado encontra-se na Fundação Cultural Calmon Barreto assim como o que se refere à vida e à obra de um de seus filhos, Dom José Gaspar, arcebispo de São Paulo falecido em 1943.

Sebastião de Affonseca e Silva legou-nos manuscritos com diferentes temáticas sobre a história local, inclusive sobre genealogia. Em 1946 teve uma obra publicada em parceria com Aires da Mata Machado Filho intitulada "História do Araxá".

Matadouro Municipal



A construção do Matadouro Municipal de Araxá envolveu debates entre populares, políticos já no poder e políticos que aspiravam chegar até ele. Dispor de um lugar apropriado para o abate de animais e zelar pela higiene pública significava ser moderno. Depois de inúmeras reivindicações, finalmente inaugurou-se o prédio do matadouro nas proximidades do Córrego Lava-Pês. 1917 é a data que se lê na fachada do prédio, nesta fotografia. A novidade instalada e o movimento de trabalhadores e de mercadorias atraíam visitantes. A importância do momento mereceu ser eternizada pelo fotógrafo Manuel Alves Feijó. Década de 20. Fotografia doada pela Prefeitura de Araxá

A partir da Proclamação da República (1889), principalmente, as cidades brasileiras inseriram-se nos processos de urbanização e de modernização verificados em todo o país. Inicialmente essas transformações aconteceram nos maiores centros, espalhando-se aos poucos pelas vilas e cidades do interior.

Araxá acompanhou essa tendência recriando um modelo próprio. A remodelação do seu espaço público pôde ser observada, principalmente, a partir da primeira década do século XX.

Houve preocupação, típica daquele momento, de demolir construções consideradas antigas. Outras, mais "modernas" eram edificadas a seguir. Iniciativas como as de abrir ruas e avenidas, arborizar praças, embelezar jardins e fazer sarjetas significaram avanços modernizadores, sobretudo, demonstraram zelo com a higiene e com a saúde públicas.

Outros serviços integraram os projetos políticos dos administradores municipais e os anseios da população: a instalação de telefonia (1906), de água potável (1909) e de energia elétrica (1914).

CÓDIGO DE POSTURAS

A Câmara Municipal de Araxá havia decretado, em 1887, um Código de Posturas. Nele é possível notar a tentativa de se criar uma legislação favorável às questões relacionadas ao abate e à comercialização de reses.

A construção de um espaço apropriado para o abate fez parte do conjunto de transformações exigidas desde o final do século XIX. Dotar a cidade de um matadouro público e criar um mercado municipal, provam que Araxá não esteve isolada da política de higienização.

Algumas referências documentais revelam as diversas etapas de criação por lei e de instalação do matadouro local.

Em 1909, Dr. Franklin de Castro, presidente da Câmara, chegou a solicitar a planta de um matadouro recém-construído em Patos de Minas. A resposta comunicando o envio da mesma planta com duas fotografias chegou em 1910. Uma das fotos está arquivada, hoje na Fundação Cultural Calmon Barreto.

Em 1911, houve a autorização por lei através da Câmara Municipal. O agente executivo, o mesmo Dr. Franklin de Castro, concedeu o privilégio a particulares, por 25 anos, da construção, uso e gozo de um matadouro modelo.

Não foi possível certificar, ainda, o período de tempo em que vigorou esta concessão e se os seus beneficiários foram os mesmos que construíram o desejado matadouro, alguns anos depois.

REIVINDICAÇÃO

O certo é que, em 1913, o Correio de Araxá noticiou que no lugar reservado ao matadouro havia uma construção utilizada como tal mas que não passava de uma "coberta arruinada". Nestas as reses abatidas não passavam pela inspeção do

agente sanitário.

As cobranças em torno da questão atingiam não só os administradores públicos mas também os fornecedores de "carnes verdes" a quem a imprensa condenava por descaso.

Durante a República Velha (1889-1930) Araxá também alimentava uma política fundamentada no poder dos coronéis. O coronelismo respaldava a "Política dos Governadores" praticada, ainda, graças à força de um partido único, o Partido Republicano Mineiro (PRM), e à atuação do presidente do Estado de Minas Gerais. Em Araxá, a oposição ao Cel. José Adolpho de Aguiar e aos seus seguidores, os ferreiristas (no poder há alguns anos) era liderada pelo Dr. João Jacques Montandon. Os jacquistas expressavam suas posições e aspirações político-partidárias através do Correio de Araxá (1ª versão), jornal por eles fundado.

Estudando as publicações daquele tempo podemos perceber que o Correio de Araxá efetivou constantes debates durante o domínio político dos ferreiristas. Reivindicou, por exemplo, a realização de "certas obras urgentes" dentre as quais a do matadouro e a do mercado, ambas essenciais à saúde do povo.

NOVO MATADOURO

Pela imprensa discutiam-se os motivos que provocavam o adiamento da obra. Àquela altura, dizia-se, o projeto estava pronto e definido o lugar destinado ao matadouro. Também já havia sido aprovada a lei com respectivo orçamento. Alegava-se, ainda, que até o curso do Córrego Lava-Pês havia sido alterado.

Segundo o jornal opositorista, se a cidade não contava com um "matadouro modelar", tal fato não poderia justificar o abandono do existente e a ausência de fiscalização no fornecimento de carne aos habitantes.

A construção do "novo matadouro" envolvia, ainda, a necessidade de introduzir um processo de abate menos "primitivo", uma vistoria rigorosa e o transporte da carne de forma mais saudável até os açougues. Dizia o Correio de Araxá que o abate de suínos se dava nos quintais das casas onde a carne era comercializada. As críticas atingiam, ainda, os aspectos de limpeza e assepsia do matadouro provisório. Considerava-se a nova instalação uma "medida sanitária de grande alcance", já que as doenças gastrointestinais eram apontadas como causas do elevado índice de mortalidade.

Enquanto não se resolvia a construção do matadouro, a Câmara Municipal concedeu a particulares direito exclusivo de fornecimento de carne à população.

CONSTRUÇÃO

Depoimentos orais têm confirmado o ano de 1917 como o da data da inauguração do Matadouro Municipal. O relatório da administração Raul Franco de Almeida, referente a 1916, havia programado aquela construção para 1917, data que se lê, na fachada do prédio, conforme fotografia da época.

Sob o ponto de vista da construção algumas semelhanças existem entre o matadouro local e aquele construído no ano de 1908, em Patos de Minas e cuja planta fora cedida pela cidade vizinha em 1910. Há referência de que, em 1913, havia uma planta do matadouro, seguindo as "modernas exigências da arte e da higiene", projetada por um profissional citado como "Dr. Palmério". De acordo com o arquiteto Odilon Carlos Carneiro, o prédio de Araxá caracteriza-se como uma "construção simples que possui elementos neoclássicos, vergas ovais e frisos e marcações horizontais".

A partir de 1918, o recém-construído matadouro já estava arrendado novamente. Uma resolução municipal aprovou, naquele ano, os regulamentos sobre serviços de matadouro, açougue, mercado e veículos.

ARRENDAMENTO

Pode-se afirmar que até 1927 não foram poucos os cidadãos que se propuseram a arrendar o matadouro com conseqüente fornecimento de carnes. Mesmo com o prédio concluído, os arrendatários que prestavam este serviço ainda enfrentaram problemas com a manutenção da higiene e com o transporte da mercadoria. Nos ofícios endereçados à Prefeitura lembravam que, em dias de chuva forte, necessitavam transpor o Córrego Lava-Pês, algo sempre difícil ou, até, impossível.

Com freqüência, os proprietários de açougues recorriam ao Prefeito reclamando pelo imposto cobrado por cada rês abatida, fato que, segundo eles, inviabilizava o funcionamento dos seus açougues. Um ofício enviado ao Prefeito Dr. Mário Campos por Celidônio de Affonseca e

Silva, "arrematante do Matadouro" em 1928, revela a situação do estabelecimento naquela data. Como serviços "urgentes e inadiáveis" o arrendatário solicitava: reforma completa do curral de tábuas (estas, "deterioradas") e do "bueiro de esgoto do interior do prédio", conserto em todo o piso, encascalhamento da estrada e, finalmente, limpeza do pasto anexo.

HIGIENIZAÇÃO

Os melhoramentos reivindicados e as deficiências apontadas reforçavam a preocupação com a higiene. O arrendatário prosseguiu, enumerando-os: precariedade do meio de transporte, veículo "carroção" em "estado de putrefação", maneira anti-higiênica "de se sapear os suínos", falta de açougues.

Insatisfeitos com as condições de trabalho, alguns proprietários de açougues (Mânlio Alves Ferreira, José Velloso de Paiva e Cassiano de Paula Nascimento) dirigem-se, em 1928, ao prefeito municipal. Em forma de abaixo-assinado alegam que estão "prejudicados com o estado de ruínas do actual matadouro municipal". Depois de vários anos de discussões para ser construído e apenas uma década após ser inaugurado, o prédio do matadouro encontrava-se em estado lastimável. Segundo o abaixo-assinado, suas dependências e, também, o curral não garantiam a segurança. O carroção condutor de carga apresentava freqüentemente o estado anti-higiênico.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Pelos documentos é possível perceber as constantes solicitações para que o prefeito conceda lugar para a esfolação de gado e de porcos no Matadouro Público. Para isso, geralmente, sugeriam que as despesas com palhas e empregados corressem por conta deles, dos solicitantes. O arrendamento de matança ou de esfolação era divulgado em hasta pública. Enéas Santos, o presidente da Associação Comercial de Araxá, em 1940 dirigiu-se ao prefeito, Dr. Álvaro Cardoso, em nome dos negociantes e proprietários de açougues. Solicitava que o prefeito evitasse a alteração do horário estabelecido para o abate de suínos. Alegava-se que nenhum dos comerciantes possuía

instalação própria para conservação da carne e do toucinho, até o dia seguinte. Outros motivos contribuíam para justificar a reivindicação: se a matança ocorresse à tarde haveria impossibilidade de fornecer carne às segundas-feiras e fim do expediente dos comerciantes encerrava-se às 18 horas.

TURISMO

É interessante observar que a esses argumentos somava-se, com realce, o de que o novo horário de abate privava os hotéis do Barreiro do fornecimento de carne. O transporte usado pelos hotéis obedecia à chegada dos trens de Belo Horizonte e de Uberaba.

Não foi possível localizar, ainda, fontes documentais que permitissem reconstituir, historicamente, o Matadouro Municipal nas suas últimas décadas de funcionamento. No entanto, não se pode deixar de mencionar dois cidadãos cuja memória identifica-se com a história do matadouro. Durante décadas, Antônio Bertoldo de Ávila e Ary Vieira Borges dedicaram sua força de trabalho àquele estabelecimento. Durante 45 anos, Antônio Bertoldo exerceu funções no abate e na distribuição de carnes. Como motorista que conduzia o produto até os açougues e armazéns, conquistou grande popularidade. Na atual administração ele foi lembrado para dar nome ao recém-inaugurado Frigorífico Municipal.

Ary Vieira Borges foi funcionário público municipal por quase 30 anos. Dezoito deles foram dedicados à fiscalização geral do Matadouro de Araxá.

Fonte:

Arquivos SPH/FCCB

Arquivos da Prefeitura de Araxá

Depoimentos: Adelita Feres e Luzia Bertoldo de Ávila

Referência Bibliográfica:

SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Agradecimentos:

Odilon Carlos Carneiro e Taciano Flávio Ferreira Borges

APOIO

PAPELARIA
REGIONAL

Sup. Informática - Impressoras Fricas - Material Escritório - Material Escolar

Av. João Pinheiro, 1000 - 241
Fone: (35) 331-3311

CIP 38 180-000 Araxá - MG

Trans-Araxá Mudanças

Serviço Especializado

661-3898

COPASA MG

Pesquisas em Andamento... e Resultados

A Estância Hidromineral do Barreiro

Na década de 20, moradores de Araxá já têm o hábito de fazer passeios até o Barreiro. O percurso se dá pela estrada velha, construída em 1915. Não há, ainda, ônibus que os conduzam às fontes.

Para os que não possuem automóvel, privilégio de poucos, a maneira mais fácil de cumprir o trajeto é por meio de carros particulares de aluguel. Nessas viagens, o próprio dono dirige o seu carro prestando, assim, um tipo de serviço especializado.

As propagandas que vendem Araxá aos aquáticos, turistas ou veranistas são as mesmas que atraem a população local: existência de paisagens naturais, ares refrescantes, bosque e jardins. Beber a água da fonte é o atrativo principal. Enquanto os visitantes dosam a quantidade a ser ingerida os "donos da casa" bebem água à vontade.

ÁGUA NA FONTE

Neste cenário é comum, ainda, ver o gado usufruir da água e do sal retido nas pedras próximas à fonte. A frequência dos animais na área obriga o Prefeito Fausto Alvim a determinar, em 1933, a proibição do trânsito, de "boiadas ou de reses isoladas" naquele local. A mesma lei é estendida a outros pontos da cidade sob pena de multa aos infratores.

No mesmo ano, o governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, constitui uma comissão encarregada de projetar as obras de aparelhamento do Barreiro devendo incluir um novo traçado e a construção de um balneário com equipamentos e instalações mais modernas. Participam dessa comissão os engenheiros: J. Andrade Júnior, David Mourão, Carvalho Lopes, Fábio Vieira Marques e Lincoln Continentino.



Pelo corredor que une as Termas ao Grande Hotel os hóspedes caminham com conforto e segurança em direção aos banhos. Podem desfrutar do privilégio de observar a suntuosidade arquitetônica do prédio e as paisagens mineiras retratadas nas pinturas em afresco, assinadas por Genesco Murta.

No balneário eles são atendidos por funcionários que, antes da inauguração em 1944, receberam treinamento especial para lidarem com a nova aparelhagem, então considerada altamente moderna. A fotografia é de Octávio Fonseca e ele próprio doou-a à Fundação Cultural Calmon Barreto em 1985 (00194-Arquivo SPH/FCCB).

BURLE MARX

Em junho de 1943, o Governador Benedito Valadares inspeciona as obras que estão sendo executadas no Barreiro. A imprensa mineira noticia a visita inesperada do governador e de sua comitiva. Menciona a presença do paisagista Roberto Burle Marx que chegara em companhia do secretário da Agricultura, Lucas Lopes.

Burle Marx fora trazido a Minas Gerais por Oscar Niemeyer. Deixou sua obra em Belo Horizonte, Araxá, Ouro Preto e em outras cidades. Nessa época executava projetos paisagísticos pelo país e, na Escola Nacional de Belas Artes, um de seus desenhos já havia sido premiado com medalha de ouro.

INAUGURAÇÃO DAS TERMAS

A abertura das Termas, em abril de 1944, consta de uma cerimônia simples: primeiro inaugura-se o seu andar inferior; o superior só algum tempo depois. Há referência de que o Grande Hotel começa a funcionar

apenas no ano seguinte.

Tudo indica que a solenidade inaugural tenha sido prevista para o dia 19 de abril. Na placa afixada na rotunda das Termas lê-se que o acontecimento se deu no dia 19. Esta é, também, a data do discurso, impresso, proferido por Dom Alexandre Gonçalves Amaral, Bispo da Diocese de Uberaba. Ele se refere à cerimônia como uma "homenagem dos católicos do Triângulo Mineiro, ao Presidente da República, no dia de seu aniversário" (19-04).

No entanto, a inauguração oficial acontece, de fato, no dia 23 de abril. Panfletos distribuídos pela Prefeitura de Araxá, datados de 22 de abril, convidam a população para comparecer "em massa" ao Barreiro no dia seguinte (23), domingo, às 15 horas.

Embora o Prefeito Álvaro Cardoso tenha viabilizado a presença dos habitantes da cidade, disponibilizando ônibus e solicitando aos proprietários de automóveis que transportassem passageiros, os araxaenses não formam a maioria do

público presente. Aqui se encontram inúmeras autoridades nacionais e estaduais.

"V" DA VITÓRIA

No cerimonial de inauguração os funcionários, rigorosamente uniformizados, estão perfilados para recepcionarem o Presidente Getúlio Vargas. O próprio Presidente posiciona-se junto deles e todos formam a letra "V", de vitória, numa alusão à performance do Brasil na Guerra e ao apelo nacionalista que vigora.

Os funcionários recebem treinamento especial para lidarem com a nova aparelhagem das Termas, na época altamente modernizada.

DISCURSOS

O Presidente Getúlio Vargas, o Governador Benedito Valadares e Álvaro Cardoso de Menezes, Prefeito de Araxá, dentre outros, discursam durante a cerimônia inaugural. Em nome da mulher araxaense, a professora Maria Soares Santos faz os agradecimentos às autoridades responsáveis pela obra.

Em sua fala, o governador mineiro lembra as dificuldades materiais para concluir aquele ambicioso projeto. Segundo ele, um Estado de "recursos limitados" como Minas Gerais "aventurar-se" a tal empreendimento mostra a "compreensão do dever com a coletividade que levou a aproveitar as águas para minorar os males humanos".

Dom Alexandre Gonçalves Amaral faz a bênção das instalações e, em seguida um discurso. Depois de comparar a autoridade de Cristo para a Igreja, a do prefeito para a comunidade municipal e com a do Presidente para a nação, o Bispo agradece a honra do convite e a deferência que lhe foi concedida. Refere-se ao fato de a bênção restringir-se apenas ao balneário e não ao cassino. Dom Alexandre afirma que esta atenção fora uma "das maiores alegrias íntimas que

experimentei na minha vida". Prova evidente da posição da Igreja quanto à legalização dos jogos de azar.

BÊNÇÃO

Em outros pontos de seu discurso tece elogios à existência de apartamentos luxuosos mas, também, de "apostos mais modestos" (...), "acessíveis às pessoas menos providas de fortuna".

E, ainda, considerando seu comentário "uma ousadia", sugere ao governo mineiro, que diz pretender concluir a obra, que a complete com uma "coroa": a construção de uma "Capela católica" e a sua bênção inaugural.

A Igreja Nossa Senhora das Graças, no Barreiro, só foi inaugurada oficialmente em 1969.

DO BARREIRO PARA A ITÁLIA

Um valioso acervo de documentos e objetos é cuidadosamente preservado pelo araxaense, ex-combatente da 2ª da Guerra Mundial, Tenente Paulo Guimarães.

Durante a estada na Itália, Paulo recebe notícias dos amigos e amigas de Araxá. Com o fim da guerra, ele trouxe as correspondências de volta. Estas são, para ele, testemunhos preciosos de sua vida. Para nós, pesquisadores, são fontes interessantes de informações, na sua maioria, sobre a vida noturna do Grande Hotel, nos seus primeiros meses.

Segundo os amigos (as) do Tenente Paulo:

** No "Grill", nome da boate do Grande Hotel na época, apresentaram-se até 18 de março de 1945 (data da correspondência que faz o relato), artistas como: Pedro Vargas, Fernando Borel, Eros Voluzia, "João Sabão" e outros.*

** Gasta-se em excesso no Barreiro, centro de diversão da elite araxaense. A queda de preço do gado zebu contribui para a "crise financeira" vivida pela juven-tude segundo consta nas cartas.*

** A cidade permanece tal como ele a conhece mas, no Barreiro, onde os amigos se encontram todas as noites, a animação é bem diferente. Aguardam a chegada do companheiro, vindo dos campos de batalha da Europa, para reunirem toda a turma.*

** Nos meses de junho e julho de 1945, por ser inverno, o cassino manteve-se fechado. A reabertura é prevista para setembro com "grandes atrações". O cinema, porém, continua em funcionamento.*

Em seu teor, essas correspondências expressam as saudades que sentem do amigo ausente. As amigas, principalmente, pedem que Deus o proteja. Também são visíveis os ideais nacionalistas totalmente incorporados ao contexto da época: os atos de bravura dos pracinhas brasileiros são exaltados e é intensa a expectativa do seu retorno trazendo a vitória do Brasil na guerra.

Fonte:

Arquivos SPH/FCCB
Acervo Paulo Guimarães

Depoimentos de Olívia Pereira Marques Schweter, Dr. Paulo de Tarso Santos e Yolanda Colombo.

Referência Bibliográfica:

LEMOS, Paulo EDUARDO SCHUWARZSTEIN. *Roberto Burle Marx*. Bayer do Brasil, sem data.



ESTAÇÃO MEMÓRIA

Araxá com "x" ou com "ch"?

Em agosto passado a revista *Tribuna* Now questionava: "Por que Araxá, nome de origem indígena, se escreve com 'x' e índios Arachás que deu origem ao nome se escreve com 'ch'?"

A Fundação Cultural Calmon Barreto participou da discussão. A resposta a essa pergunta é mais complexa do que se imagina. Não é nosso propósito impor uma versão e, sim, contribuir para que alguns aspectos representativos da nossa cultura, ainda em estágio de pesquisas, sejam divulgados. Para uma melhor compreensão, alguns fatores devem ser considerados.

Tradição

Sabemos que algumas tradições, idéias e costumes são transmitidos, repetidamente, ao longo das gerações, em cada lugar. Também é certo que essas características próprias incorporam-se de tal maneira ao imaginário coletivo que se tornam parte integrante da história. Há, em Araxá, exemplos evidentes de concepções já cristalizadas. Uma delas está relacionada à origem e à grafia do seu nome.

A pergunta (Araxá com x ou com ch?), por exemplo, por si só conduz à interpretação aqui praticada, tradicionalmente. Partindo do princípio de que os índios chamavam-se Arachás e de que os colonizadores batizaram o arraial como São Domingos do Araxá, a posição da revista não deixa de revelar uma de nossas tradições culturais.

Origem Indígena

Estabeleceu-se o uso do dígrafo ch para se referir aos índios Arachás. Araxá, com a letra x, seria a grafia correta do nome do arraial, vila e depois, cidade.

De fato, a origem do nome remete a um passado indígena. Seu significado pode ser encontrado nos

dicionários de língua tupi e tupi-guarani. Em ambos, o termo apresenta-se somente com x, expressando versões que indicam a "vista do mundo", o "panorama", "alto chapadão ou planalto", "por vista do mundo", "um lugar donde pode ver o mundo ou os largos horizontes dele".

É possível que a origem do hábito de atribuir somente o uso do ch para indicar a população indígena esteja na explicação do termo dada por alguns estudiosos. Para Couto de Magalhães, citado por Waldemar de Almeida Barbosa, a palavra é formada por ara (dia, tempo, luz e por extensão, o sol) e echa (avistar, ver enxergar). Nesse caso, echa teria sua origem na língua-geral dos tupis e não no tupi-guarani. E, na prática diária, como os cidadãos de Araxá ou os que citavam o lugar e seus habitantes grafavam esses nomes?

No século XIX (1819 e 1845) viajantes europeus passaram por aqui e fizeram alusão aos índios como os Araxás.

Fontes Documentais

Nos documentos oficiais, mesmo os mais antigos, observamos que ao mencionarem a vila foi usada a palavra com x e, também, com ch. Da mesma forma, existem muitos casos em que os índios são designados com a palavra escrita com x.

O idioma tupi, segundo Darcy Ribeiro, teve uso corrente até meados do século XVIII. Daí por diante, a sua prática conviveu com a da língua portuguesa até ser por esta substituída "como língua materna dos brasileiros".

No caso da documentação produzida no século XIX, esta variação ortográfica é decorrente, também, do elevado índice de analfabetismo, da carência de escolas e de professores, do acesso aos livros como privilégio de poucos, motivos esses que dificultavam o conhecimento da língua.

Retrospectiva

Entretanto, alguns estudiosos da história local estabeleceram esta diferenciação; outros adotaram critérios pessoais e ou científicos. O memorialista Sebastião de

Affonseca e Silva usou ambas as formas, araxás e arachás, para os índios e apenas Araxá para indicar a cidade. Leonilda Scarpellini Montandon baseou-se nos trabalhos do memorialista como fonte de pesquisa e adotou o ch para fazer referência aos índios. Como professora e autora de livro didático formou várias gerações de alunos e professores que seguiram a mesma tendência: arachá para índios e Araxá para cidade.

Especialistas

Tendo em vista as posições dos especialistas da língua, Clodion Cardoso, memorialista, assim se expressou sobre o significado de Araxá: a = pessoa; rechá = cuidado, atenção; portanto, gente vigilante. Esta versão modifica, de certa forma, o sentido do vocábulo escrito com x, conforme consta dos dicionários de tupi e tupi-guarani. Clodion Cardoso, no entanto, utilizou-se sempre da grafia com x tanto para os índios quanto para a cidade.

Nesta mesma linha situa-se o trabalho do advogado e professor Waldir Luiz Costa que emprega o termo com a letra x para designar a cidade e os seus primitivos habitantes.

Subjetividade

Deve-se notar que o ato de escrever araxá com x não implica, necessariamente, referir-se somente à cidade. Escrevê-lo com x ou com ch indica que ambas estão vinculadas a um tronco comum: a língua geral dos índios brasileiros.

O mérito da discussão está em permitir que os leitores, ao refletirem sobre o palavra Araxá, venham a conhecer sua própria identidade.

Fonte: Arquivos SPH/FCCB

P.S.: Os livros e trabalhos dos autores citados encontram-se na Fundação Cultural Calmon Barreto, à disposição, para consulta.



Cartas dos Leitores

CARTAS DOS LEITORES

- Belo Horizonte, 19 de março de 1999
Sras. Dirigentes,

Ref: "O Trem da História" - Através de um amigo, tomei conhecimento da publicação em referência, dessa Fundação, que me despertou enorme interesse, por reportar a história de Araxá e de suas famílias. Solicito o obséquio de incluir-me na lista de destinatários daquele boletim e consulto sobre a possibilidade de: remessa também de números atrasados disponíveis; obter, pessoalmente, na sede da Fundação, xerox dos números esgotados. Saudações,

Noé Rodrigues Rosa

A": Acuso o recebimento de seu ofício 003/99, de 06.04.99, acompanhado de vários números da publicação em referência, cuja remessa agradeço. (...) Nesta oportunidade, aprez-me manifestar meus calorosos cumprimentos à Sra. Presidente e às suas colaboradoras pelo admirável trabalho de pesquisa, resgate e preservação da história de Araxá, da região e de sua gente. Cordiais saudações,

Noé Rodrigues Rosa.

- Araxá, maio de 1999

Lendo, como sempre, "O Trem da História", n.º 28 ano 9, encontrei no artigo "Quem foi Quem" a magnífica reportagem sobre o ilustre araxaense Dr. Álvaro Cardoso de Menezes. Retrata fielmente toda a sua vida, entretanto faltaram, nessa história fatos marcantes de sua vida pública. Suas realizações são por demais importantes, como Prefeito de Araxá, para que sejam esquecidas. Dentre os fatos ocorridos dou destaque aos seguintes: com a saída do Dr. Fausto Alvim, da Prefeitura para o Rio de Janeiro, levado pelo Presidente Vargas para a Presidência do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, foi nomeado seu substituto Dr. Álvaro Cardoso que encontrou a Prefeitura em situação difficilima financeiramente. Com seu prestígio conseguiu verbas estaduais e cumpriu todos os compromissos com seus credores e com isso Araxá iniciou nova era progressista e como se diz na gíria "saiu do atoleiro" e o progresso chegou. Deu-nos a aviação comercial, com a inauguração, no dia 4 de janeiro de 1941, da Panair, que aterrissou seu primeiro vôo, no aeroporto no alto do Rádio Hotel vindo do Rio passando por Araxá, indo a São Paulo e retornando ao Rio pelo mesmo caminho. A seguir a Vasp, por muitos anos, serviu Araxá, Franca, Ribeirão Preto e São Paulo. Trouxe-nos o interurbano, precário, mas um início. Construiu a bela praça Governador Valadares cuja área era coberta por portentoso jardim com sua gruta, a N. S. de Lourdes, seu coreto e seu rinque de patinação, demolidos nos anos 1928/1929 e só reconstruído na década de 40. Mais de dez anos de poeira! Concorreu para a reconstrução da usina hidrelétrica e da ponte no rio Araguari, suprimindo angustiante falta de água e energia elétrica que era um verdadeiro sofrimento para os araxaenses. Diziam os "concorrentes"... Araxá é a cidade que seduz, de dia falta água e de noite falta luz". E muitos

melhoramentos mais nos deu o saudoso Dr. Álvaro Cardoso de Menezes. E este homem não possui, em Araxá, uma avenida com seu nome!... Justiça seja feita.

Em tempo: Construiu também a piscina do Araxá Tênis Clube.

Arthur Rosa

Nota de O Trem da História:

O Trem da História agradece a participação do Sr. Arthur Rosa, cuja correspondência enviada valoriza a pesquisa publicada sobre a história de vida do Dr. Álvaro Cardoso de Menezes.

Às informações prestadas pelo nosso leitor acrescentamos outra, obtida depois de publicarmos a edição anterior (n.º 28).

Em 15 de fevereiro de 1926, Dr. Álvaro Cardoso de Menezes diplomou-se como vereador eleito pelo então distrito de Argenita com representatividade na Câmara Municipal de Araxá. (Arquivo SPH/FCCB).

- Maringá, 13 de maio de 1999
Ilma. Sra.

Lygia Cardoso Mancira

Com grande admiração entro em contato com esta estimada equipe de "O Trem da História". Residi em Araxá de 1973 a 1976 e, sempre, em minhas férias, visito amigos e parentes araxaenses. Meu pai é da família Carneiro, já contemplada na reportagem sobre a origem das famílias.

Estou escrevendo para repassar meu novo endereço para que eu possa continuar recebendo este excelente boletim informativo. (...)

Agradeço de coração. Parabéns por este belo trabalho elaborado pela Fundação Cultural Calmon Barreto. (...) Grato.

Antônio Alves Pedro.

- * Rio, 20 de maio de 1999

Prezadas "Maquinistas",

Possuo 4 volumes (até out/dez 98) conseguidos durante passeio a esta cidade, onde residem parentes próximos. Gostaria imensamente de ser agraciado regularmente com os boletins de O Trem da História (...) Tenho intenções de retornar, em breve a Araxá, se Deus quiser!

Atenciosamente,

Luiz Carlos Lima de Almeida

- Uberlândia, 30 de junho de 1999

À Fundação Cultural Calmon Barreto

Prezados (as) Senhores (as):

O CDHIS - Centro de Documentação e Pesquisa em História, da Universidade Federal de Uberlândia, gostaria de receber gratuitamente o Boletim: "O Trem da História", publicado por essa Fundação e que será de enorme valia para o nosso acervo.

Parabenizamos toda a equipe pela excelência do material, bem como, pela importância do resgate da Memória e História do Município de Araxá. Certos de contarmos com a colaboração de Vv. Ss., enviamos em anexo nossa produção.

Atenciosamente,

Prof.ª. Dr.ª. Jane de Fátima S. Rodrigues

- Uberlândia, 09 de setembro de 1999

À Fundação Cultural Calmon Barreto

A/C Lygia Cardoso Mancira e Glaura T. N. Lima Prezados (as) Senhores (as):

É com imenso prazer que o CDHIS - Centro de Documentação e Pesquisa em História, da Universidade Federal de Uberlândia, agradece o envio da Coleção do "Trem da História", que em muito contribuirá para nosso acervo bibliográfico. (...) Esperando continuar com intercâmbio, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

Prof.ª. Dr.ª. Jane de Fátima S. Rodrigues

- Guarulhos, domingo, 19 de setembro de 1999
Glaura,

Gostaria de agradecer o envio do Boletim informativo "O Trem da História". Li, com muito prazer, os exemplares que me foram enviados. Gostei muito da forma como estão escritos os textos: são objetivos, claros, atraentes e precisos nas informações. Destaco no informativo os itens "Entre a Fé e o Poder" (edições n.os 24 e 25) e o artigo "A Epopéia da Matriz" (edição n.º 27). Além disso, tenho um pedido: se for possível, gostaria de receber regularmente esse boletim. Senti-me atraído pelas informações contidas nele. Muito obrigado pela atenção.

André Figueiredo Rodrigues

- Belo Horizonte, 11 de outubro de 1999.

Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá

A/C: Lygia Cardoso Mancira

Prezada Lygia,

Agradecemos tal gentileza em nos enviar as edições de "O Trem da História" Parabenzamos pelo sucesso de tão importante trabalho.

Atenciosamente,

Eberthard Hans Aichinger

Presidente da Câmara da Indústria do Turismo do Sistema FIEMG

- Juiz de Fora, 30 de outubro de 1999.

Exma. Sra.

Lygia Cardoso Maneira

Prezada Sra.

Sou um araxaense (descendente dos donos do "Sobrado dos Afonso") que deixou sua terra natal em 1946 para fincar raízes em Juiz de Fora sem, contudo, esquecer o Araxá que visita periodicamente.

Por gentileza de minha irmã Zuleika Teixeira tomei conhecimento - e ganhei alguns exemplares - do "Trem da História" que considero magnífico em seu trabalho.

Gostaria de passar a receber este valioso informativo; queira, por favor, informar-me o preço da assinatura anual e se e possível conseguir números antigos para completar a coleção.

Aguardando a gentileza de sua resposta, sou atenciosamente,

Alciones Amaral

APOIO



COMPANHIA BRASILEIRA DE METALURGIA E MINERAÇÃO